

GÊNERO E COMUNIDADE: OLHARES SOBRE A LIDERANÇA DE MULHERES EM ESPAÇOS COMUNITÁRIOS

Layane Gomes Marreiros dos Santos¹, Thaina Santos Silva², Flávio Alves da Silva³; Wilma Magaldi Henriques⁴

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: layane.gmsantos@gmail.com
2. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: tha.sil.santos@gmail.com
3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes, e-mail: flaviosilva@umc.br
4. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes, e-mail: wilmah@umc.br

Área de conhecimento: Psicologia

Palavras-chave: Relações de gênero, comunidade, liderança.

INTRODUÇÃO

Gênero pode ser compreendido hoje através das relações socialmente constituídas entre os sujeitos, antes entendido apenas na esfera “ontológica orgânica, passa a ganhar um significado” (SAFFIOTI, p. 133, 2011), mediando também relações de poder, desse modo expandindo-se a todo corpo social. Segundo Strey (2013) usualmente, o termo gênero é marcado em referência às mulheres, no entanto, para que se possa assimilar como ocorre a construção social da mulher, é preciso não obstante compreender o processo de homens socialmente construídos, corroborando com as contribuições propostas por Saffioti (2011) de que ao homem é atribuído a representação de força, tal qual aquele que detém assertividade e raciocínio pautado pela lógica, em contraponto ao que é atribuído à mulher, características de passividade e tomada de decisões pautadas pela emoção, gerando desequilíbrios e relações assimétricas de poder entre os gêneros. Assunção (2020) apresenta que essa relação desigual entre os gêneros possui fundamentos em um processo de naturalização da divisão sexual do trabalho, nas diversas esferas da vida humana, naturalizando encargos domésticos como provenientes de uma ordem biológica e inata ao feminino, e não como produto cultural e arbitrário, da sociedade. Desse modo, mulheres que ao facear imposições e assumir lugares culturalmente associados aos homens, como cargos de liderança, enfrentam duras vivências permeadas pelo preconceito. (BARROS e OLIVEIRA, 2020)

OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivos identificar e analisar como se dá a participação feminina e os papéis ocupados por mulheres em movimentos comunitários, bem como verificar, a partir das narrativas, as dificuldades encontradas por mulheres no exercício de liderança em movimentos e espaços comunitários e discutir, na perspectiva relacional de gênero, como se dá o processo de promoção de mulheres a posições de liderança em movimentos comunitários.

METODOLOGIA

O estudo é de abordagem qualitativa, do tipo descritiva e exploratória, e conforme proposto por Meihy (1991) utilizou-se como metodologia a História Oral de Vida. O projeto de pesquisa contou com a participação de 10 (dez) mulheres que estão à frente de cargos de liderança e atuantes em espaços comunitários, na Grande São Paulo. As pesquisadoras realizaram a captura dos depoimentos por meio de entrevista aberta cedida pelas participantes, após receberem e concordarem com o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido, de modo que atendessem sua disponibilidade. As depoentes concederam suas declarações abertamente e disponível para discussões, a partir da pergunta disparadora: *“Pode nos contar sobre como se dá sua participação no movimento comunitário?”*. Como forma de preservar a identidade das participantes, as pesquisadoras as identificaram com a letra P e com o número correspondente a ordem de realização das entrevistas. Após a coleta de dados, as entrevistas foram transcritas mantendo-se a fidedignidade das falas, e textualizadas em depoimentos a fim de provocar a realização e o envolvimento do leitor, conforme assinalam Meihy (1991) e Henriques (2005). O estudo foi submetido e aprovado pelo CEP/CONEP (CAEE:14409319.4.0000.5497 e Parecer do CEP: 3.426.536)

RESULTADOS/DISCUSSÃO

A partir das narrativas das mulheres líderes de movimentos sociais e comunitários na região da Grande São Paulo, notou-se as diversas barreiras enfrentadas para o alcance de posições em lideranças e não somente as dificuldades de alcance, mas também as de permanência e reconhecimento da mulher enquanto representante de poder. Mesmo que o espaço nas comunidades e movimentos sociais tenha ganhado força e visibilidade para garantia de direitos, e logo sido alcançado por algumas mulheres no lugar de poder, há enfrentamentos necessários, dada a misoginia e o sexismo presentes ainda na modernidade que favorece o distanciamento dos campos emancipatórios. E P2 apresenta situação em que essa discriminação sutil demanda diferentes posturas *“Trabalhei com os homens também, (...) e tive que colocar a casa em ordem, não foi fácil (...), porque você tem que ter uma postura muito firme”*, desse modo, o comando feminino só é reconhecido quando esta assume posturas tidas como ‘masculinizadas’. O patriarcado impõe a dominação masculina em diversas vertentes, enquanto as mulheres se veem fechadas dentro da casa da família, sem que se permita participar de qualquer ciclo social dentre os tantos que compõe a sociedade. O machismo, presente quase que imperceptivelmente nas instituições, nas famílias, no trabalho por toda a sociedade, anulam e desvalorizam as ações promovidas pelas mulheres., exemplificando na fala da depoente P8 *“Então o machismo é estrutural é muito difícil romper com isso, e tá claro que quando a gente luta sozinha isso fica mais difícil ainda”*. Ainda relacionado a dominação masculina destaca a fala da P9 *“Já a liderança, na comunidade carcerária, já vê com um pouco de desprezo, ‘ah, é mulher’, e eles demoram um pouco pra respeitar, eles te desafiam pra ver se é isso mesmo.”*. Para Carvalho (2016) a representação política feminina se dá sob a ótica de um protagonismo marginalizado, a autora compreende então o termo ‘telhado de vidro’ que precisa ser rompido por mulheres ao pleitear e atingir altas posições de liderança, que engessa de forma invisível o percurso profissional de mulheres em âmbitos da vida corporativa, cargos políticos ou economia, tratando-se de impeditivos simbólicos que tornam mais difíceis o alcance de lugares mais elevados sem considerar suas qualificações, corroborando com o discurso da P10 *“Existe uma questão concreta né, dos nossos corpos, então por vezes eu sei seria muito mais fácil fazer pesquisa se eu fosse um homem”*. Nota-se na fala da P5, a necessidade de reafirmar sua posição pois socialmente ainda encontra dificuldades para ser reconhecida onde atua *“Eu substitui a pouco tempo o presidente que está desde a fundação do nosso grupo (...) Mas a gente percebe que o pessoal ainda demorou pra acostumar que eu estou respondendo pelo Fórum, a imprensa procura ele, por mais que você avise, comunique, a imprensa procura ele, e agora que eles estão começando a acostumar que é uma mulher lésbica”*. A participante P3 levanta um importante apontamento *“Eu hoje sou uma mulher, é (pausa) que tem visibilidade isso é um ponto positivo na minha luta, uma conquista, mas eu sou uma mulher idosa, há um preconceito contra mulheres inclusive porque são idosas, há preconceitos contra jovens, há preconceitos contra idosas, quer dizer... todas as fases de nossas vidas são motivos pra serem usadas no sentido de desqualificar a nossa pessoa”*. Somos provocadas a pensar também como o corpo feminino é posto na estrutura social de modo a estar sujeito aos preconceitos e como transitam suas representações estigmatizadas, em todas as suas fases da existência. Essas mulheres se reaveriam com movimentos subjetivos e singulares para culminar no encontro com o

espaço comunitário e posterior à liderança, a via das pulsões de vida aparecem em relevância para se defrontarem com o imperativo social determinista da colocação feminina no corpo social, conforme relata P4 “*Pra mim eu vejo como uma forma de ter superado as expectativas e não ter feito parte de algumas estatísticas*”. Provocando questionamentos sobre padrões sociais conservadores e carregado de estigmas, ainda atravessam o modo de viver atual. As depoentes P1 e P3 manifestam importantes falas, P3 diz “*(...) depois do anos 70, quando as mulheres começam a se organizar e ir à frente em defesa de direitos, o feminismo vem com tudo, eu me senti mais confortável, porque eu sei que tinham outras companheiras também enfrentando essas dificuldades, eu não me sentia solitária*”, e P1 “*Então, eu acho que a luta não é minha é de todas as mulheres, todos os dias, toda elas tem uma luta todos os dias, é isso*.” Assim, a organização feminina através de coletivos e movimentos tornou-se uma importante via de resistência, viabilizando o fortalecimento, a coletividade, a empatia e a sororidade, discorrendo conjuntamente o impacto das distinções de gênero, culturalmente fundados na sociedade, e suas reverberações nas mulheres como um todo, independentemente do contexto ao qual estão inseridas, movimentos sociais, comunitários, políticos, corporativos, acadêmicos. A poesia de Amanda Lovelace apresentada no livro *A Bruxa Não Vai Para a Fogueira Neste Livro* (2018) se desdobra muitas vezes em uma angústia própria do feminino, dando contorno à esta travessia dura, mas que é confrontada pelo empoderamento concedido pela coletividade, a partir dos enfrentamentos de ser mulher, das dores desta existência, cria uma via de investimento através da arte, e contempla a reflexão “*o único momento em que sei o que estar segura significa é quando estou numa sala transbordando de luz & o riso de mulheres preenche todo o ambiente (...)*” (LOVELACE, p. 36, 2018). Mulher, unida, contorna, e é contornada, da continência e força.

CONCLUSÕES

A partir do estudo, foi possível identificar as diversas dificuldades enfrentadas pela liderança feminina, a presença de mulheres nos espaços de comando evidenciam o alcance a um lugar socialmente designado a masculinidade, em uma trajetória profissional que possui marcas das dificuldades e tensões enfrentadas, no entanto mais que a barreira do alcance, existe a barreira da permanência e a compreensão de que se trata de uma posição legítima, nos mais diversos campos estendendo-se ainda para movimentos sociais. Os conhecimentos acerca das lutas femininas que decorrem há anos, em busca de um espaço de evidência e ascensão, de forma livre. Assim como os primeiros movimentos e militâncias, eram restritos ao homem, a busca pelos direitos femininos foi um processo árduo, que ainda se faz necessário nos dias de hoje. Reivindicaram seus direitos e essas lutas históricas reverberam gerações de mulheres, que se veem em um confronto diário contra diversas formas de violência, que acontece inclusive em movimentos sociais, conforme apresentado pelas depoentes, no sentido de uma constante desqualificação de suas capacidades, a fim de que elas precisem reafirmar capacidades técnicas para ocuparem determinados espaços. Questionamentos que não seriam necessariamente direcionados ao homem que está em posição de liderança, refletindo o privilégio masculino. A mensuração feita nesta pesquisa visa provocar reflexões acerca do patriarcado enraizado e, dada a natureza não cristalizada dos fenômenos sociais, possibilitar a construção de políticas afirmativas que viabilizem mulheres pleitearem novos espaços de atuação sem sofrerem distinções baseadas em seu gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Larissa Aguilar de. Mulheres em posições de poder: a difícil ascensão ao topo e os desafios do mercado de trabalho. In: MIRAGLIA, Livia Mendes Moreira; TEODORO, Maria Cecília Máximo; SOARES, Maria Clara Persilva. **Feminismo, Trabalho e Literatura: reflexões sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea**. Porto Alegre, RS: Editora F, p. 159-187, 2020. Disponível em: <http://www.editorafi.org>

BARROS, Airton Pereira do Rêgo; OLIVEIRA, Lígia Carolina. Estereótipos, Preconceito e Exclusão de Mulheres no Contexto Laboral: Construindo Estratégias Metodológicas para o Empoderamento Feminino. In: CERQUEIRA-SANTOS, Elder; FERNANDES DE ARAÚJO, Ludgleydson. **Metodologias e Investigações no Campo da Exclusão Social**. Teresina-PI: Edufpí, Cap. 4, p. 75-99, 2020.

CARVALHO, Jéssica Mayara de Melo. **Com a palavra, Cristina Kirchner: Os usos da memória de Eva Perón no Bicentenário Argentino**. Guarulhos – Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Departamento do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2016.

HENRIQUES, W. M. **Supervisão: Lugar mestiço para aprendizagem clínica**. São Paulo – Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, PSA – USP., 2005

LOVELACE, Amanda. **A bruxa não vai para a fogueira neste livro**. Tradução de Izabel Aleixo. LeYa, Rio de Janeiro, 2018.

MEIHY, J. C. S. B. **Canto de morte Kaiowá, história oral de vida**. São Paulo: Edições Loyola, 1991

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. Editora Fundação Perseu Abramo. SP, Jan/2011.

STREY, Marlene Neves. GÊNERO. In: STREY, Marlene Neves et al. **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Vozes, Petrópolis, RJ, p. 156-170, 2013.

AGRADECIMENTOS

Aos professores Flávio Alves da Silva e Wilma Magaldi Henriques, pela orientação e dedicação para nos apoiar. As mulheres participantes voluntárias, que nos ofereceram seus depoimentos tão ricos. E por fim, aos colegas do grupo de pesquisa que colaboraram com ideias e materiais de estudo.